

# CARTAZ

Expresso

Nº 1306 SÁBADO 8 NOVEMBRO 1997

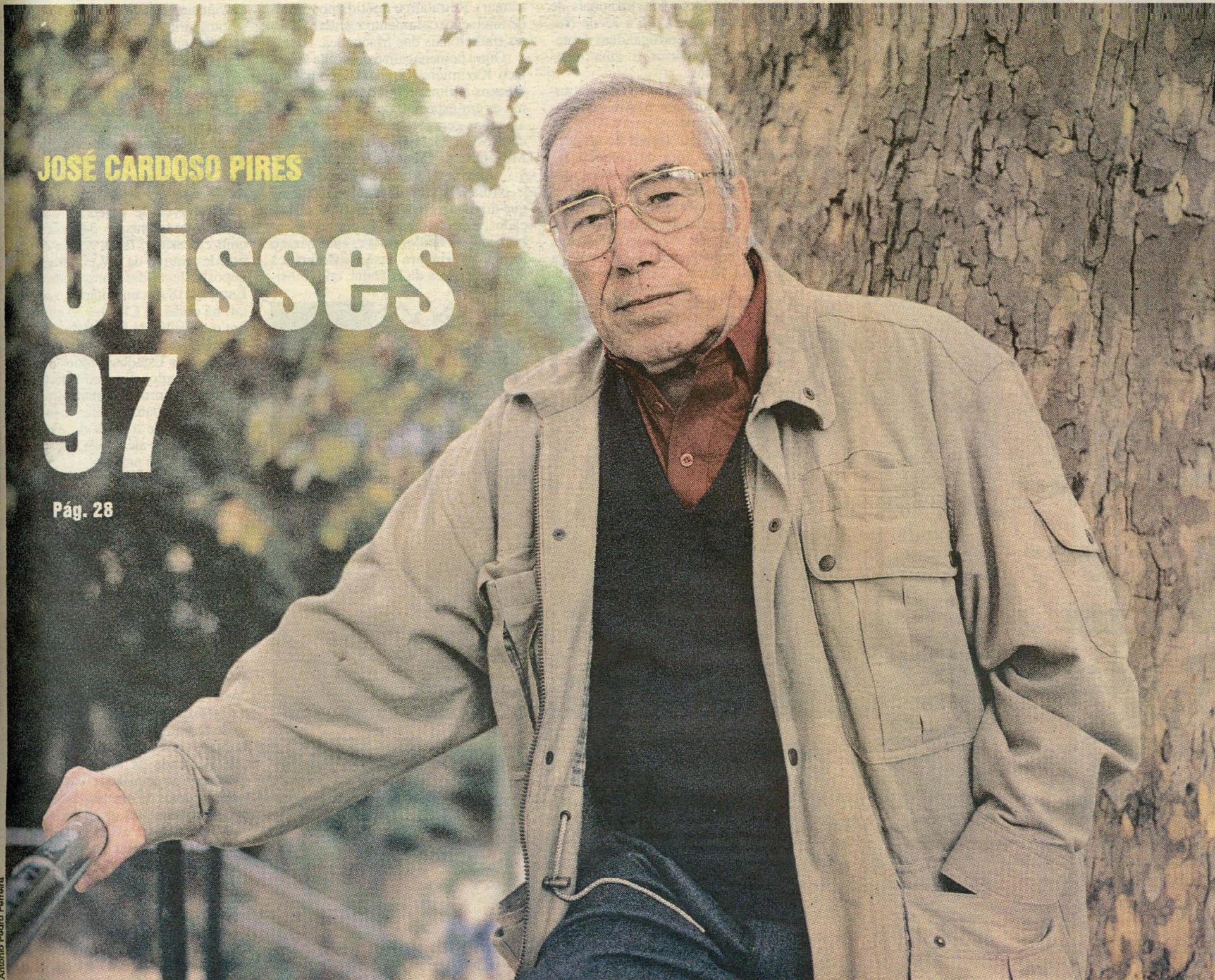
Premiado no Festival  
de Veneza, o novo filme  
de Pedro Costa  
chega na sexta-feira  
às salas portuguesas:  
prosegue, assim, uma trajectória  
cinematográfica cujo fascínio  
passa pela sua assumida solidão



JOSÉ CARDOSO PIRES

## Ulisses 97

Pág. 28



"Expresso" (Cartaz)  
8 Novembro 1997

# Fadros vadios

Lisboa, o Tejo e quase tudo, na deambulação de José Cardoso Pires. Por frestas e escotilhas descobrimos as ruas deste navegante. Luzes e sombras num roteiro pessoal e transmissível

FRANCISCO BELARD

**E**STE livro devia ter sido lido no Procópio, talvez o único bar do mundo com chafariz à porta, e este artigo devia estar a ser escrito no British Bar («tem um sabor a cais sem água à vista, este lugar»), mas esses estabelecimentos, para não dizer instituições, santuários aparentes de José Cardoso Pires (santuários em sentido propriamente dele, não em sentido religioso, faulkneriano ou vietnamita), não se prestam ao pobre exercício do jornalismo escrito. As mesas de um são

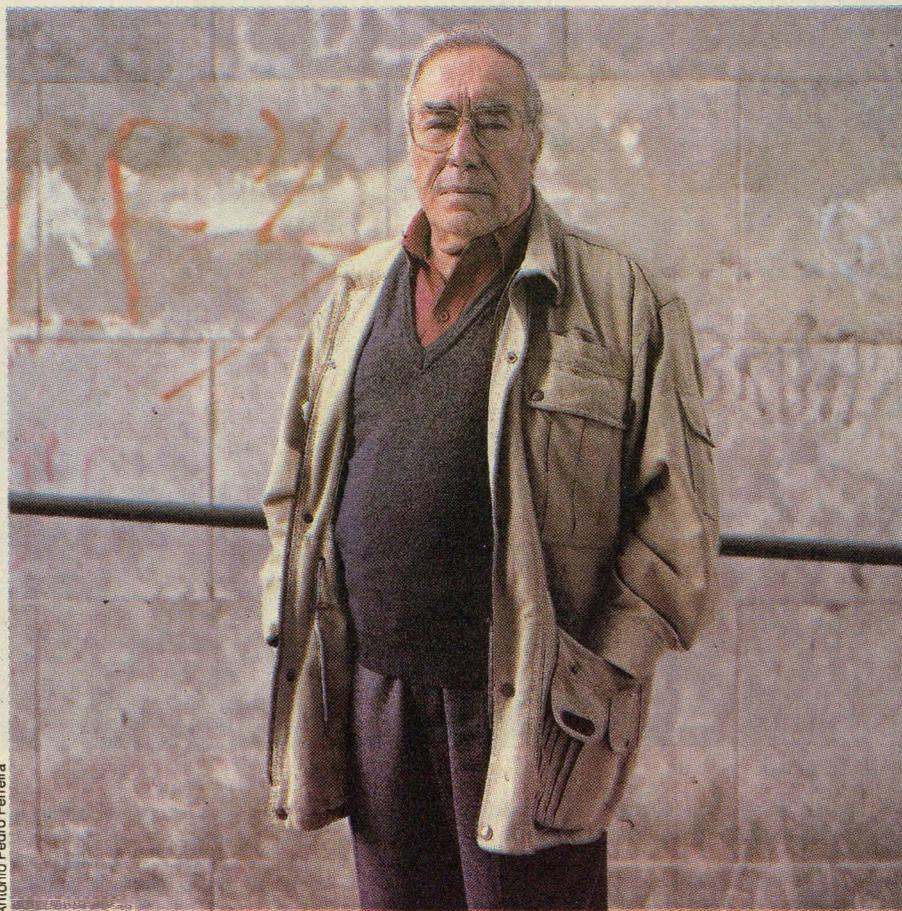
pequenas para o magnífico álbum de formato 24x28cm (mais ou menos) que é **Lisboa, Livro de Bordo — vozes, olhares, memorações**, e as do outro são pequenas mesmo para um computador miniaturizado. E como estar a ler um livro desses, à luz de um candeeiro de bar, ou a escrever sobre ele, sem uma câmara de televisão a filmar o leitor ou o escriba,

**LISBOA**  
Livro de Bordo  
José Cardoso Pires

Dom Quixote/Expo-98,  
1997, 128 págs.,  
3990\$00

para tornar a cena vagamente verosímil? Perante tal impossibilidade, resta-me começar a ler o livro num café perto do EX-PRESSO (mas não perto de mais) e terminar a prosa a bordo do jornal. Mas não pude evitar este desabafo: acho que um livro como este, em que Lisboa — a diurna e a nocturna, a pública e a privada, além dos cambiantes — entra por todos os poros, devia ser lido e recenseado num café lisboeta, com ruído ambiente, copos à volta, o rio talvez em plano subjectivo.

Muito embora José, Cardoso Pires, o tenha certamente escrito em casa, isolado de tudo o que não devia entrar no livro, talvez



António Pedro Ferreira

**Vozes, olhares, memorações de José Cardoso Pires: «Há pedaços de nós na cidade»**

acompanhado por um cigarro proibido e uns blocos de gelo cobrindo clinicamente um «whisky» semi clandestino.

Quando se escuta José Cardoso Pires, nem sempre nos lembramos de que escreve tão bem, sem ostentar no resultado final os sinais exteriores de riqueza de estilo ou do trabalho das emendas até chegar à aparente simplicidade. Ele é tão naturalmente colóquial, tão desprendido de efeitos procurados ou de solenidade que nos deixamos sem esforço prender pelas histórias que conta, sem atentarmos muito no contador de histórias que as transforma ou que, nos livros, as inventa. É preciso (para não ir mais longe) pe-

gar outra vez por exemplo em **Alexandra Alpha**, buque (estamos a navegar) de há dez novembros, para notar como este homem desprendido de efeitos, simpático sem se dar a excessivas intimidades ou a piscar o olho à crítica, sabe organizar formidáveis recursos de ficcionista ou de cronista. E lembro-me de **Alexandra Alpha** porque talvez pertença ao hipertexto deste livro de bordo cuja abordagem, marinheiro em terra, me propus.

Não é romance, devem ter calculado. A lenda diz que a obra foi encomendada pela capital da cultura Lisboa-94 (e ainda o Vasco Pulido Valente, que aliás aprecia o José Cardoso Pires, diz que esse género de iniciativas

é um mero desperdício), mas só agora publicada, nas vésperas da Lisboa-98 (e com apoio da Expo, na qual, em vários idiomas, representará o espírito do lugar alfacinha). Não sei, pouco me importa. Cheguei mesmo a supor que era apenas um trecho de alto jornalismo ou de boa crónica, o que já nos faria atentos e obrigados. Afinal é mais. É um novo livro de José Cardoso Pires. O luxo, além do texto, está no corpo físico do álbum, muito bem desenhado pelo «atelier» de Henrique Cayatte (com colaboração de Sara Lima) e ilustrado com algumas fotografias e sobretudo com reproduções de Botelho, Eloy, Pomar, Vieira da Silva, Abel Manta, Rafael Bordalo, Stuart e outros, numa escolha também ela artística, sem o menor folclorismo, e que se vai amenamente conjugando com os ambientes convocados pelo texto.

E então?, dir-se-á. Lisboa segundo JCP, a Lisboa de Cardoso Pires, o Cardoso Pires de Lisboa, não é uma coisa que já testemunhámos debaixo do sol ou à luz dos candeeiros? Não, não é só essa, pois há aqui uma geografia pessoal que não está envolvida na ficção. O autor leva-nos a passear, ou a passar, por onde lhe apetece, privilegiando os lugares de que gosta (sem deixar de dar bicadas a alguns aspectos que o aborrecem na cidade dos corvos). Uma Lisboa ondulante e diversa, embora a vamos reconhecendo ao sabor do gosto divagante, mas ordenado, com que o escritor a dá a conhecer.

Então devia estar no British, um bar onde o relógio tem o sentido que os restantes deviam ter, ou seja, trabalha no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio (dos restantes relógios, entenda-se, quando têm ponteiros, o que felizmente não ocorre no Snob), para podermos «fazer horas» ao contrário.

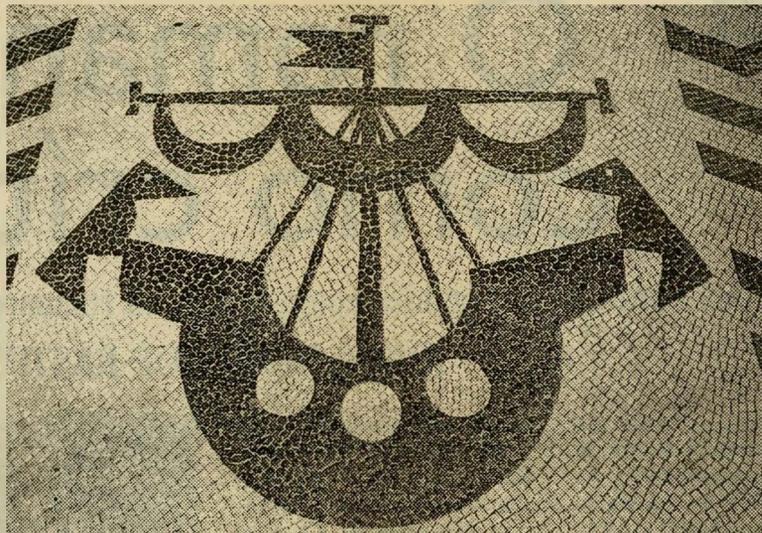
«Cada homem transporta em si o seu bestial privado» — diz um juiz no xerogo que Cardoso Pires pôs, há nove novembros, n' **A República dos Corvos**. Aqui o bestial é geralmente afectuoso; é de andorinhas e gaivotas, estátuas de proa ou de praça com cavalo verde, anjos ancorados ou não, pombas e corvos e demais passarada ribeirinha e marinha. Ambientes urbanos; já não se bate para as hortas, já raramente as horas são de vida airada. Mas aparecem certos largos de província esquecida, surgem os raros e preciosos jardins, os vestígios de

quintas e quintais, e até o «**bestiário burlesco**» do Palácio Fronteira. E, uma ou duas vezes, lembra-se de observar Lisboa também da outra banda do Tejo.

Gosta-se das cidades, pequenas pátrias de recordações, quando gostámos de um ou mais dos seus habitantes (mesmo quando, nos casos de desvairado egocentrismo, esse habitante seja o próprio amador da cidade amada). «**Há pedaços de nós na cidade**», comentava outro dia o escritor navegante. E aqui, ao leme, José Cardoso Pires não arma um grande timoneiro nem veste o fato de olisabogógrafo, mas é um agradabilíssimo guia nos passos perdidos e ganhos, bebendo nos cafés sobreviventes a sua e nossa mágoa das pedras, deixando em livro aberto um sábio concentrado de referências, mas com uma elegante leveza — isto é verdade, pá.

Há cidades que crescem para dentro e cujas ruas abrem buracos ou acendem luzes dentro da memória, ou fazem ecoar palavras de alguns que já somente em eco nos acompanham por aqui. Cardoso Pires, sem propósito exaustivo porque um passeio é assim mesmo, recorda alguns dos escritores (e também certas figuras não literárias) que gostaram desta cidade ou por boas e más razões nela deixaram traços. **Vozes, olhares, memórias** é o subtítulo do livro, que noutras quatro línguas vai ser, se não foi já, publicado; além da Dom Quixote, sai também na Carl Hanser Verlag, na Gallimard, na Alianza Editorial e na Feltrinelli. Mantendo o belo conjunto de imagens que o convertem não em «office-table book» mas num livro-objecto no melhor sentido do termo, ou seja, o de um objecto que nos sujeita.

Mas o poder de sedução do livro nunca abandona o texto. Descritivo, mas com emoções, vida que não precisa aqui de criar personagens, porque tem desde logo a personagem que é Lisboa habitada, por gente ou por tantas mas, com miradouros e com miragens. O escritor, porém, demarca-se do olhar turístico ou de certos olhares cinematográficos. «(...) tu, cidade desfocada pela luz mundana dos videoturistas que te vieram espreitar de miradouro, eu um pouco à margem porque, para mim, panorâmicas e vistas gerais são quase sempre frases feitas ou cenários de catálogo». Mais do que estar aqui a dar corda à minha própria conversa



*Ondas no empedrado, a nau dos corvos, olhar livre e secreto percorrendo a cidade*

em prosa, ou a tentar substituir o que não é substituível — a leitura que cada um fará, e aposto que com gosto e proveito —, devo talvez citar passagens deste **Livro de Bordo**. Roteiro assente na proximidade, na familiaridade com lugares, mas também de vozes e de cheiros. E a consciência de que «**a distância inventa cidades, como muito bem sabe-**

**mos.**» E agora subam no elevador da bica e água, ou então desçam a calçada, «**sous les pavés la page**». Já são raros os eléctricos, mas Cardoso Pires não se esquece de viajar no metropolitano e de falar das obras de arte nas novas estações. Este livro é igualmente meio de transporte. O navio dentro da cidade, a nau dos corvos vai partir.